

Leituraço! Povos Originários



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO



COPED

Lucimeire Cabral de Santana

DIVISÃO DE CURRÍCULO

Elizângela Nogueira

NÚCLEO DE LEITURA E LITERATURA

Adriana Zenezi

Danilo Prado

Luciene Cioffi

Rafael Francelino

Samir Mustapha

ELABORAÇÃO

Adriana Zenezi

Beatriz de Almeida Pagni

Eva Santos

Karla Queiroz

Luciene Cioffi

PROJETO GRÁFICO

Beatriz de Almeida Pagni

Projeto Leituraço

O projeto “Leituraço!”, presente na Rede Municipal de Ensino de São Paulo (RMESP) desde 2014, propõe que a escolha de livros para serem lidos nessa ação alinhe-se a uma perspectiva estética e política de valorização da cultura e história das populações africanas, afro-brasileira, indígena e migrantes. Tal ação contribui para que todos os envolvidos no Leituraço aumentem o repertório sobre esses povos, que historicamente foram excluídos de abordagens que demonstrassem a grandeza de suas histórias e culturas. Com isso, o Leituraço contribui para a desconstrução de estereótipos que povoam o imaginário em torno delas e fortalece as identidades de estudantes e educadoras(es).

**Leitura simultânea nos
espaços educacionais**

Proposta de organização

- 1** Seleção e organização de títulos, neste Leituraço!, que abordam as populações indígenas em sua riqueza e diversidade, para compor as ações do Agosto Indígena.
- 2** Selecionar obras com abordagens que valorizem os conhecimentos, técnicas, habilidades no campo social, político, econômico produzidas pelos povos originários.
- 3** Selecionar obras que apresentem os povos originários em diferentes contextos.
- 4** Existem diversos autores indígenas, que trabalham com diferentes temas, isso é importante para enfatizar que não há um único 'jeito' de ser indígena. Mas, boas obras que abordam o tema, ainda que não sejam escritas por indígenas não devem ser descartadas.
- 5** Ao selecionar os materiais considere a diversidade de formatos, gêneros literários, características das(os) autoras(es), entre outros aspectos que contribuam para ampliar o conhecimento dos estudantes sobre o universo literário.
- 6** Livros paradidáticos (que visam ensinar) não são literários.

Pontos de atenção ao selecionar as obras

Oferecer uma mediação com os estudantes que valorize e permita uma apropriação do acervo da Sala de Leitura e das reflexões propostas no Leituraço!;

O Leituraço! faz parte de um momento específico nas ações do Agosto Indígena, porém, ressaltamos a importância de estar presente no planejamento durante o ano letivo. A educação antirracista e antixenofóbica é uma premissa da RMESP, logo, essa ação deve ser compreendida como mais um momento, dentre tantos outros, de práticas intencionais que têm por objetivo a valorização de diferentes culturas, além da ampliação de repertório positivo acerca dessas populações;

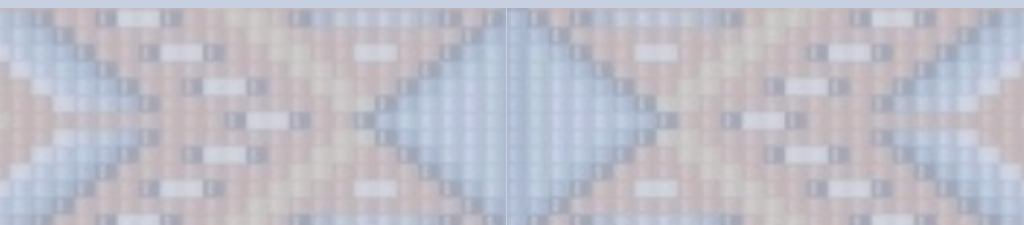
Antes da promulgação da lei nº 11.645/08, a maioria das obras apresentavam histórias atribuídas aos indígenas com teor racista/preconceituoso, assim como uso de narrativas e iconografias estereotipadas que os colocava em situação de inferioridade em relação ao não indígena. Por isso, é fundamental que estejamos atentos às narrativas presentes nos materiais selecionados.

A equipe responsável por realizar a curadoria das obras que compõem os acervos das Salas e Espaços de Leitura são atentas à questão da bibliodiversidade, que significa também buscar obras escritas por pessoas diversas em relação ao gênero, orientação sexual, origem, cor de pele, etc. Assim, é preciso considerar essa diversidade ao selecionar as obras para o Leituraço.

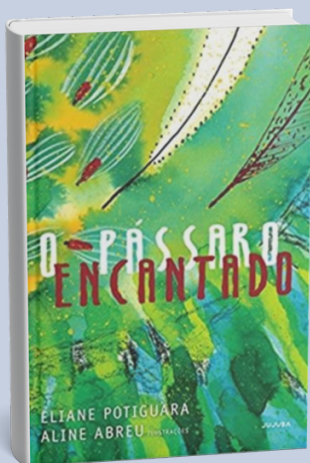


Sugestões Leituraço!

Povos Originários 2026



Eliane Potiguara



O PÁSSARO ENCANTADO

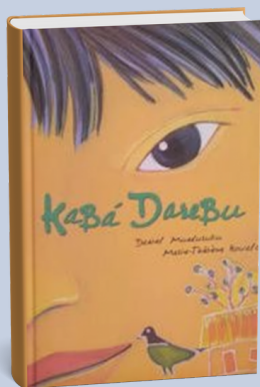
Os avós são figuras muito importantes para os povos indígenas. Trazem os costumes, as memórias e os ensinamentos para a vida. Nesse livro, Eliane Potiguara nos conta sobre essa figura poderosa e mágica, a avó, que traz as histórias vivas dentro de si. Aline Abreu, com suas ilustrações, nos carrega para esse tempo de magia.



A cura da Terra

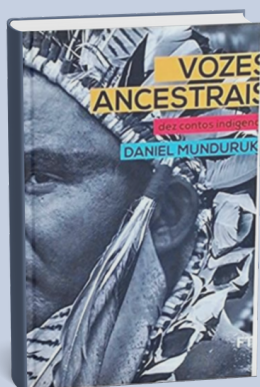
Moína é uma menina muito curiosa, de origem indígena, e que adora se aconchegar nos braços da avó para ouvir histórias. Ela quer entender o sentido de sua vida, as suas transformações. Mas uma história em especial revelará à menina o sofrimento pelo qual seu povo passou, as descobertas e a sabedoria de seus ancestrais e também como conseguiram a cura de um de seus bens mais preciosos: A Terra.

Daniel Munduruku



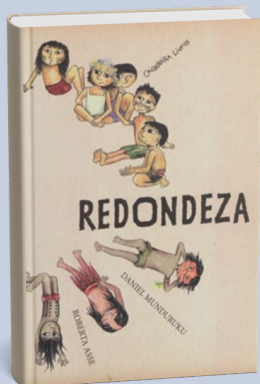
Kabá Darebu

Nossos pais nos ensinam a fazer silêncio para ouvir os sons da natureza; nos ensinam a olhar, conversar e ouvir o que o rio tem para nos contar; nos ensinam a olhar os voos dos pássaros para ouvir notícias do céu; nos ensinam a contemplar a noite, a lua, as estrelas..." Kabá Darebu é um menino-índio que nos conta, com sabedoria e poesia, o jeito de ser de sua gente, os Munduruku.



VOZES ANCESTRAIS

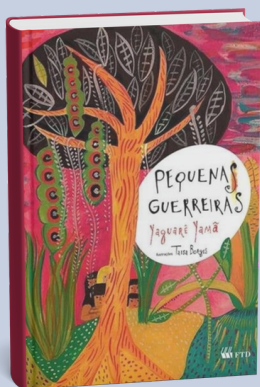
Daniel Munduruku costuma afirmar: "Escrevo para me manter índio". Foi com essa motivação que o autor teve a ideia de procurar indígenas de dez povos e coletar os contos tradicionais transcritos nesta obra, trazendo para o leitor um pouco das crenças e tradições das populações que habitam o território brasileiro.



REDONDEZA

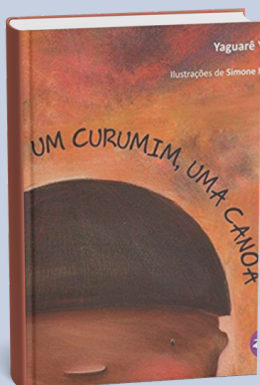
Através das narrativas do texto e das imagens, percorremos lugares de viver e pertencer apresentados por várias crianças, do ponto de vista deles. Narrado em primeira pessoa, o livro representa as muitas vozes infantis dos povos indígenas, e levanta sentimentos frutos da relação profunda dos povos originários com a terra, os rios, as plantas, os animais, e com os adultos.

Yaguarê Yamã



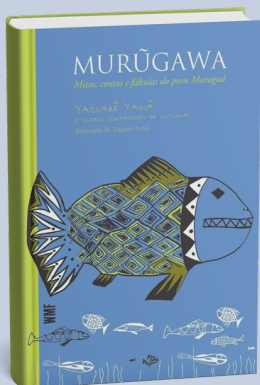
PEQUENAS GUERREIRAS

O livro traz a história de cinco meninas, filhas das amazonas, lendárias guerreiras indígenas que deram nome ao estado homônimo, na região Norte do Brasil. Um dia, elas vão brincar no lago Espelho da Lua, na região do rio Nhamundá, e são surpreendidas por indígenas inimigos.



UM CURUMIM, UMA CANOA

Aguiry é um curumim que se prepara para uma grande aventura. Ele tem uma canoa e com ela percorre o reino da cobra grande. Mas, espere aí! Uma criança percorre sozinha um reino tão perigoso? Ah! Descubra como isso acontece lendo esta deliciosa história sobre um curumin e sua canoa, que juntos desbravam os sonhos de uma criança.



MURÛGAWA

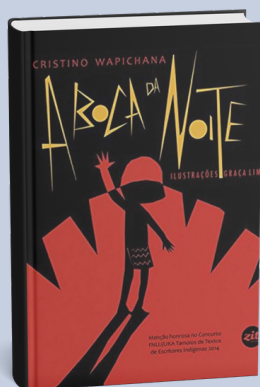
Para fazer este livro, Yaguarê Yamã reuniu histórias que já conhecia a outras que ouviu de membros ilustres do povo Maraguá. E, mais uma vez, o autor cumpre de maneira simples e bela seu objetivo de mostrar a cultura indígena para os não-indígenas moradores da cidade.

Cristino Wapichana



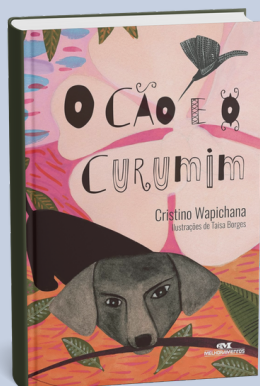
A COR DO DINHEIRO DA VOVÓ

Vovó tinha um jeito encantador de contar o mundo. Não sabia calcular como os estrangeiros ensinavam, mas sempre narrava como ninguém histórias magistrais sobre o povo Wapichana. A tarde mais especial que o neto Pimyd teve em sua companhia, foi quando ela falou sobre o significado da cor de cada cédula de dinheiro.



A BOCA DA NOITE

Dois irmãos contra o desconhecido. "A boca da noite" transporta o leitor para uma aldeia cheia de mistérios. O que será que acontece quando o sol mergulha no rio? Será que ele toma banho antes de dormir? E depois disso, será que ele passa a noite dormindo dentro do próprio rio? Essas são algumas dúvidas que levam os irmãos Dum e Kupai a subirem a Laje do Trovão, o lugar mais perigoso da aldeia!



O CÃO E O CURUMIM

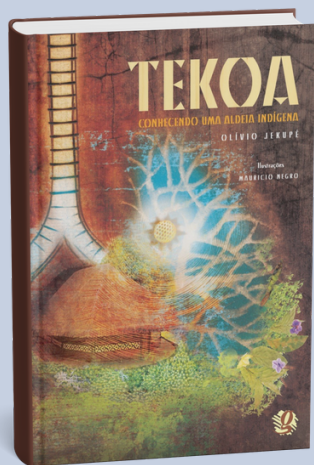
Uma história de amizade e lealdade entre um curumim e seu cachorro. Uma história que habita nas memórias do autor, e resgata as tradições de seu povo, apresentando ao leitor alguns recortes do dia a dia do curumim, e de sua amorosa e respeitosa relação com seus familiares, com a natureza e com os animais. As paisagens ganham vida através das cores e pinceladas de Taisa Borges.

Olívio Jekupé



O PRESENTE DE JAXY JATERÊ

Kerexu tinha ouvido dos mais velhos várias histórias de Jaxy Jaterê, o protetor da floresta. Por ser poderoso, as pessoas podem fazer pedidos a ele, mas a índia não sabia como chamá-lo. Porém, sua prima conhecia o segredo e o ensinou a Kerexu. Certa noite, a índia adentrou na floresta, realizou o ritual e fez um pedido. Será que Jaxy Jaterê irá atendê-la?



TEKOA - CONHECENDO UMA ALDEIA INDÍGENA

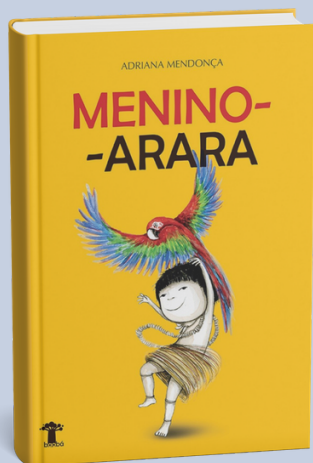
Um menino da cidade que escolhe passar suas férias em uma aldeia. Para Carlos, o período de convivência com os indígenas foi uma experiência e tanto. A leitura desse livro certamente enriquecerá o universo do aluno-leitor, que terá a oportunidade de conhecer um pouco sobre nossas raízes indígenas, tão importantes na formação de nosso povo.

Adriana Mendonça



O MENINO URU-EU-WAU-WAU E A SEMENTE

Um menino do povo Uru-eu-wau-wau que mantêm a tradição de tocar “taboca” – um tipo de flauta de bambu acompanhado de seu amigo passarinho, relata os encantos da natureza, o ciclo da vida das plantas e dos animais na floresta onde vive.



MENINO-ARARA

Belas imagens feitas em grafite e coloridas em aquarela desenharam o encontro das araras com o menino indígena. No esvoaçar por entre as árvores, as cores das figuras sugerem, nos movimentos dos traços, o compasso de um balé. Proporciona ao leitor o desejo de desvendar os segredos e contar a história das personagens.

Werá Jeguaka Mirim



KUNUMI GUARANI

Werá Jeguaka Mirim é um menino guarani. Neste livro, ele nos conta onde fica a aldeia em que mora, como é a sua casa, as brincadeiras preferidas e como é o seu dia a dia. Prepare-se para conhecer a vida de uma criança indígena e a riqueza de seu povo.

Tiago Haiky



Guaynê - DERROTA A COBRA GRANDE

A Cobra Grande, apavorava o povo Mawê e vivia nas profundezas do Rio Andirá. Em noites de luar ela saía para passear amedrontando e, vez por outra, comendo os indígenas mawés. Ela captura Tainá. Será que Guaynê terá coragem de enfrentá-la?

Márcia Leite



POEMINHAS DA TERRA

Hora de comer, de brincar, de colher, de pescar, de festejar, de contemplar, e de compartilhar são alguns dos temas explorados nestes singelos poemas sobre o cotidiano da vida na aldeia daqueles que são os primeiros habitantes do Brasil.

Sérgio Capparelli



O menino levado ao céu pela andorinha

Sérgio Capparelli, um dos mais destacados autores infanto-juvenis da atualidade, se debruçou sobre essa rica fonte, selecionou, traduziu e retrabalhou 42 cantos de povos nativos. Eduardo Uchôa deu cor e forma a essa valiosa amostra da riqueza poética de tais civilizações, que fazem parte não apenas da nossa história, mas também do nosso legado cultural.

Marco Hailer



VAMOS BRINCAR?

Vamos brincar de popok, ywa ywa ou jawari? E que tal ver quem chega primeiro correndo em um pé só no heiné kuputisü? Ou você prefere o zumbido do y'ym? Quem consegue andar mais longe no texware? Quem sabe jogar tipa? Você nunca ouviu falar de nenhuma dessas brincadeiras? Então está na hora de ler e brincar!

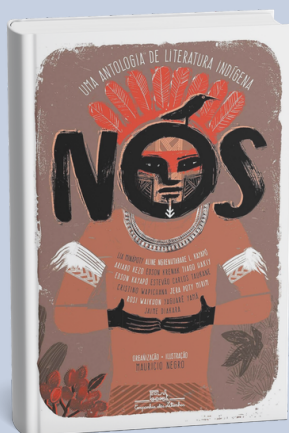
Vários autores

Escritos Indígenas - Uma Antologia



O livro reúne escritores indígenas de diversas etnias do Brasil, que compartilham saberes ancestrais por meio de narrativas poéticas e linguagens variadas, refletindo suas origens geográficas e culturais. Esses autores mantêm a tradição oral de contar histórias que unem gerações nas aldeias, transmitindo visões únicas sobre a existência humana e o universo.

NÓS: UMA ANTOLOGIA DE LITERATURA INDÍGENA



Tratando dos mais diversos temas — dos mitos de origem, às histórias de amor impossível —, as narrativas conduzem o leitor por situações e desenlaces muito próprios, sempre acompanhadas por um glossário e um texto informativo sobre o povo indígena de origem de cada autor. Esta é uma chance preciosa para todos aqueles que desejam entrar em contato com as raízes mais profundas de nossa cultura, ainda pouco valorizadas e respeitadas, por puro desconhecimento.

Autoras indígenas que precisamos conhecer

Moara Tupinambá



O SONHO DA BUYA-WASU

A obra narra a história de uma jovem indígena que vive na cidade. Ao viajar para Cucurunã, aceita o desafio de se reconectar às suas origens para derrotar uma ameaça, simbolizada pelo Monstro de Lata. Para tanto, ela precisa evocar a Buya-Wasú e libertar os seres encantados do casco da tartaruga.

Lia Minápoty



LUA-Menina E Menino-ONÇA

Este conto, da autora indígena Lia Minápoty, é baseado nas lendas que, quando menina, ouvia nos saraus em sua aldeia. Seus antepassados foram hábeis contadores de história e suas publicações são, para ela, um ato para manter esta tradição.

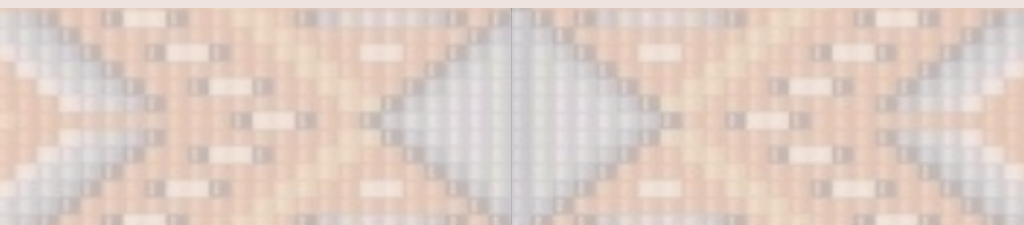


Leia Educadora!

Leia educador!

O Agosto Indígena nos convida a refletir sobre a riqueza cultural, a sabedoria ancestral e a trajetória histórica dos povos originários. E, para inspirar essa reflexão, o projeto "Leia, Educadora! Leia, Educador!" apresenta obras literárias que ampliam e fortalecem esse diálogo.

Confira a seguir algumas sugestões de leitura:





O SOM DO RUGIDO DA ONÇA

Em 1817, Spix e Martius desembarcaram no Brasil com a missão de registrar suas impressões sobre o país. Três anos e 10 mil quilômetros depois, os exploradores voltaram a Munique trazendo consigo não apenas um extenso relato da viagem, mas também um menino e uma menina indígenas, que morreriam pouco tempo depois de chegar em solo europeu.

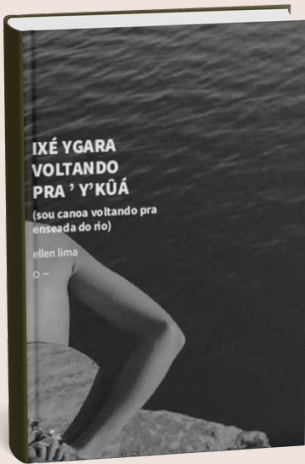


IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Neste livro, Ailton Krenak critica a ideia de humanidade como algo separado da natureza, uma “humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô”.

Essa premissa estaria na origem do desastre socioambiental de nossa era, o chamado Antropoceno. Daí que a resistência indígena se dê pela não aceitação da ideia de que somos todos iguais. Somente o reconhecimento da diversidade e a recusa da ideia do humano como superior aos demais seres podem ressignificar nossas existências e refrear nossa marcha insensata em direção ao abismo.

IXÉ YGARA VOLTANDO PARA 'Y' KŪÁ



Este livro é um atravessamento. Os versos que atravessam os poemas antes disso atravessaram a história de um país inteiro, contada aqui pela voz poética de uma mulher na medida da sua travessia. A voz criada pela autora, uma mulher brasileira de origem indígena, conta poema a poema a vivência de milhares de brasileiros cuja identidade e ancestralidade indígena foram atravessadas pela ocidentalização, mas que agora fazem uma nova travessia, a de volta, como uma canoa voltando pra enseada.

TERRAPRETA



Articulando os tempos e os lugares da ação num contraponto entre São Paulo, Xingu e Paris, Terrapreta, romance de estreia de Rita Carelli, conduz o leitor com extrema fineza pelo universo dos afetos, das inteligências e das experiências sensíveis de uma comunidade indígena, no qual cada gesto, palavra e inquietação estão permeados por uma visão mítica do mundo. É nesse contexto, não isento de conflitos, que Ana entra em contato com seu próprio corpo, seus desejos e seus temores, e realiza — em parte sozinha, em parte com seus companheiros da aldeia e imersa na cosmovisão indígena — uma iniciação que acaba sendo uma poderosa jornada rumo ao amadurecimento.



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO